

ASCESE E O PENSAMENTO DE NIETZSCHE: TRANSVALORANDO OS VALORES

Gilberto Silva dos Santos⁷¹

Resumo: a partir da filosofia de Friedrich Nietzsche, buscamos pensar o conceito de ascese, particularmente na obra *Genealogia da Moral* (NIETZSCHE, 2009). Faremos recortes no prólogo da obra referida, mas igualmente em outras obras do filósofo alemão, para destacar, tendo como metodologia a genealogia, como o conhecimento nos impede de viver uma ascese, tal como podemos interpretar na filosofia de Nietzsche. Com isso, apontamos como o conhecimento pode tornar-se moralizador de nossas experiências. Cientes da possibilidade de interpretação, proposta pelo filósofo, pensamos ascese como um modo de romper com valores normativos, tomados como essenciais, a-históricos, no percurso de não enxergar-se através dos valores coletivos. Embora essa substituição não possa ser vista como uma receita, prescrita a todos e a cada um, vale destacar que à medida que suspeitamos de nós mesmos, perspectivamos os nossos valores tão arraigados. Nesse percurso, lemos ascese como um modo de pensar a transvaloração dos valores no contemporâneo.

Palavras-chaves: Ascese. Moral. Conhecimento. Nietzsche. Transvaloração dos valores.

Abstract

From the philosophy of Friedrich Nietzsche, we seek to think about the concept of asceticism, particularly in the work *Genealogy of Morals* (NIETZSCHE, 2009). We will make cuts in the prologue of the mentioned work, but also in other works of the German philosopher, to emphasize, having as methodology the genealogy, how knowledge prevents us from living an asceticism, as we can interpret in the philosophy of Nietzsche. With this, we point out how knowledge can become a moralizer of our experiences. Aware of the possibility of interpretation, proposed by the philosopher, we think of asceticism as a way of breaking with normative values, taken as essential, a-historical, in the course of not seeing through collective values. Although this substitution can not be seen as a recipe, prescribed to each and everyone, it is worth pointing out that as we suspect ourselves, we are looking at our deeply rooted values. In this way, we read asceticism as a way of thinking the transvaluation of values in the contemporary.

Nietzsche (2009, p. 7), no prólogo de *Genealogia da Moral*, inicia escrevendo o seguinte: “nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo”. O autor inicia este escrito apontando que

⁷¹ Licenciado em Matemática (UFRGS). Mestre em Educação em Ciências (PPGQVS/UFRGS) e doutorando em Educação em Ciências (PPGEC/UFRGS).

o que fazemos conosco⁷² está distante de que podemos denominar de ascese. Mas, prosseguimos com o autor: “nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?” Aqui, nos permitimos fazer um elo com *Ecce homo* (que significa, segundo uma passagem bíblica: eis o homem, ao se referir a Jesus Cristo). O interessante é destacar o subtítulo do livro: *como alguém se torna o que é*. Tornar-se o que se é, em nossa interpretação, aponta para o que possa ser uma ascese em Nietzsche, diferente da citação inicial que aponta o nosso mascaramento frente ao conhecimento. A filosofia do autor alemão tenta romper com o dado, a verdade, as máscaras, as marcas, os rótulos temporais no intuito de constituir um percurso errante, que beira ao caos, mas que institui – se assim puder ser dito – outro modo de se relacionar com a verdade, com o dado, com a certeza, em especial, com o conhecimento.

Seguindo o escrito do livro *Genealogia da Moral*, temos que “com razão alguém disse: ‘onde estiver teu tesouro, estará também teu coração’” (NIETZSCHE, 2009, p. 7). O interessante é pensarmos que esse alguém é ninguém menos que Jesus Cristo. Em especial, e aqui inicia a discussão que permeia o livro todo. Percebemos pistas para pensar que esse conhecimento – referenciado pelo autor – que faz com que aquilo pelo qual não nos conhecemos - ou, nas suas próprias palavras, que não nos tornemos o que somos – venha da moral. Em especial, da moral cristã. Apresentado o tema principal do livro, podemos prosseguir com a leitura do prólogo.

Nietzsche prossegue: “quanto ao mais da vida, as chamadas ‘vivências’, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre ‘ausentes’” (NIETZSCHE, 2009, p. 7). Vivência é um conceito importante para iniciarmos uma ascese em Nietzsche. O filósofo alemão toma a sua vida como experiência. A sua filosofia é a constituição do que ele acredita e desenvolve. A pesquisadora Scarlett Marton (2010, p. 7-8) escreve que “ele vem pôr em questão nossa maneira de pensar, agir e sentir”. Em especial “tenta implodir os dualismos, fazendo ver que, ao contrário do que julgamos, a verdade não é necessariamente o oposto do erro”. Criticando os valores, “provoca nosso modo usual de sentir, quando ataca com determinação a religião cristã e a moral do

⁷² Escolhemos a escrita em terceira pessoa, pois escrevemos com tudo aquilo que nos atravessa: nossas leituras, nossos autores, as vivências. Em suma, escrevemos com o que nos toca; com os movimentos do corpo. Corpo este que se faz potência e que nega – insistentemente nega – o dual corpo/alma.

ressentimento, tornando evidente que, ao contrário do que acreditamos, nós, seres humanos, nada temos de divino”. Com isso, “Nietzsche, filósofo da suspeita, convida o leitor a pôr continuamente em causa seus preconceitos, crenças e convicções”.

Sendo um filósofo da suspeita, Nietzsche escreve, em *Ecce homo*,

eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. *Derrubar ídolos* (minha palavra para ‘ideias’) - isto sim é meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se forjou um mundo ideal... (NIETZSCHE, 2008, p. 15-16)

O interessante é pensarmos que o mundo ideal aqui, remete à filosofia platônica em que temos o mundo das essências e o mundo das aparências. É um dos primeiros ideais a que Nietzsche vem suspeitar. O exercício dele é suspeitar da moral. Ou seja, mostrar que se ela é um ídolo, que ela tem pés de barro. E assim, que suas crenças, suas normas – enfim – sejam colocadas em suspeita. Colocando essas normas em suspeita, talvez possamos estar presentes nas experiências.

“o ‘mundo verdadeiro’ e o ‘mundo aparente’ – leia-se: o mundo forjado e a realidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos – a ponto de adorar os valores inversos aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro” (NIETZSCHE, 2008, p. 16).

“Mas o que diz ele mesmo [aqui, referência a Zaratustra, que seria, para alguns estudiosos, o próprio Nietzsche⁷³], ao retornar pela primeira vez à solidão? Precisamente o oposto do que diria em tal caso qualquer ‘sábio’, ‘santo’, ‘salvador do mundo’ ou outro *décadent*... Ele não apenas fala diferente, ele é também diferente...” (NIETZSCHE, 2008, p. 17). Ou seja, essa própria experiência filosófica tomada e vivida pelo Nietzsche. Percebe-se que para além de uma constituição filosófica, Nietzsche experiencia, vive, respira seus escritos. Outro exemplo para apontar essa forma de experiência consigo, proposta por Nietzsche, está na seguinte passagem: “a fortuna de minha existência, sua singularidade talvez, está em sua fatalidade: diria, em forma de enigma, que como meu pai, já morri, e como minha mãe ainda vivo e

⁷³ Conforme Scarlett Marton (2011, p. 273) “é no âmbito da relação entre autor e leitor que autor e personagem situam as questões estilísticas. Ao escolher um estilo, burilá-lo, aprimorá-lo, Nietzsche/Zaratustra seleciona seu leitor”.

envelheço”. Assim, ele experimenta o lado vivo de sua filosofia, mas, ao mesmo tempo, experimenta a dor causada pela morte desse seu pensamento. Aqui, podemos iniciar a discussão em torno da afirmação nietzschiana não apenas do tempo, mas do viver. Antes disso, gostaríamos de destacar outra passagem:

Restabelecimento significa em mim uma longa, demasiado longa sucessão de anos – significa também, infelizmente, recaída, decaída, periodicidade de uma espécie de *décadence*. Necessito dizer, após tudo isso, que sou experimentado em questões *décadence*? Conheço-a de trás para a frente. Inclusive aquela arte de filigrana⁷⁴ de prender e apreender, aqueles dedos para *nuances*, aquela psicologia do ‘ver além do ângulo’, e o que mais me seja próprio, tudo foi então aprendido, é a verdadeira dádiva daquele tempo em que tudo em mim se refinava, tanto a observação mesma como os órgãos da observação. Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto labor dos instintos de *décadence* – esse foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso. Agora tenho-o nas mãos, tenho mão bastante para *deslocar perspectivas*: razão primeira porque talvez, somente para mim seja possível uma ‘transvaloração dos valores’ (NIETZSCHE, 2008, p. 22).

Quando Nietzsche aponta ‘deslocar perspectivas’, “ver além do ângulo”, ele inicia a discussão de olhar de forma, demorada – se demorar o tempo necessário - para que se possa ver, em especial, suspeitar. Retomo o escrito anteriormente em que dissemos que Nietzsche nos ensina a suspeitar. Assim, mais uma vez, precisamos iniciar o exercício da desconfiança. Bagunçar o que nos é dado e está ali, na frente, pronto. Acredito que transvalorar, com Nietzsche, seja esse exercício mesmo de se demorar. Se estender, em suas palavras, ruminar.

“Bem cunhado e moldado, um *aforismo* não foi ainda “decifrado”, ao ser apenas lido: deve ter início, então, a sua interpretação, para a qual se requer uma arte da interpretação” (NIETZSCHE, 2009, p. 14). Como Nietzsche mesmo oferece, na terceira dissertação do livro *Genealogia da Moral*, os escritos são antecidos por um aforismo: **“Descuidados, zombeteiros, violentos – assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro”**. Aqui, percebe-se esse exercício de interpretação do aforismo. A sabedoria nos quer assim mesmo: descuidados, violentos e zombeteiros, mas que zombem das experiências, aquelas

⁷⁴ Filigrana em papel é uma forma de arte que envolve o uso de tiras de papel que são enroladas, moldadas e coladas para criar desenhos decorativos. Disponível em: <<http://artesanatobrasil.net/filigrana-de-papel-basico-e-tecnicas-para-iniciantes/>>. Acesso em 24/09/2017.

vividas por Nietzsche. A sabedoria apaga a experiência, o vivido. Ela como um relance repete o conhecido. Trata de uma identificação. De um modelo – cópia falsa – do plano ideal, da essência que faz com que possamos produzir apenas uma realidade que busca, sem nunca atingir, esse lugar verdadeiro, essencial, uno, universal. Seguindo o aforismo, o fato de chamá-la de mulher, não pode ser tomado como uma crítica – como se pudesse afirmar que Nietzsche é machista. Distante dessa afirmar, interpretamos o vazio, o arbitrário da linguagem – apresentando o que seria esse lugar mesmo da mulher: idealizada, platônica, romântica, sonhada, esperada. Ela não pode agir, cabe a ela, esperar. Ou seja, a mulher como ‘sombra’ do homem. Para encerrar o aforismo, esse amar um único guerreiro como amor pela verdade, pelo conhecimento. Esse amor, essa inclinação que o homem tem pela verdade, pelo conhecimento e o quanto essa disposição o tira de vivenciar as experiências em prol do conhecimento. Retomando o início do texto: nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos, pois amamos um único guerreiro, o conhecimento.

Ou seja, a interpretação para Nietzsche tem esse ar artístico, afirmativo, potente. Nas palavras do filósofo, “é certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ -, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o ruminar...” (NIETZSCHE, 2009, p.14). O ruminar como esse percurso longo, demorado, sem pressa. Como uma prática ou, nas palavras do filósofo, como uma experiência. Aqui, o ruminar pode ser pensado como uma ascese interpretativa. Observa-se o ver “além do ângulo” como um desdobramento desse exercício de ruminar, de se estender, de interpretar que cria, que produz.

Retomando o prólogo de *Genealogia da Moral*, enquanto estivermos distantes das experiências, enquanto formos mulheres que amam um único guerreiro, continuaremos “necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se aplicará para sempre a frase: ‘cada qual é o mais distante de si mesmo’ – para nós mesmos somos ‘homens do desconhecimento’” (NIETZSCHE, 2009, p. 7, aspas do autor). Ironicamente, ao percorrermos a trilha do conhecimento, nos desconhecemos. Como se diariamente vivêssemos distante de nós mesmos.

“Meus pensamentos sobre a origem de nossos preconceitos morais é o tema deste escrito polêmico”. Embora, Nietzsche afirme que tais discussões iniciaram no livro *Humano, demasiado humano*, é aqui, no livro *Genealogia da Moral*, que as discussões morais amadurecem para ele, pois

Não temos o direito de atuar isoladamente em nada: não podemos errar isolados, nem isolados encontrar a verdade. Mas sim, com a necessidade com que uma árvore tem seus frutos, nascem em nós nossas ideias, nossos valores, nossos sins e não e ses e quês – todos relacionados e relativos uns aos outros, e testemunhas de uma vontade, uma saúde, um terreno, um sol. – Se vocês gostarão desses nossos frutos? – Mas que importa isso às árvores! Que importa isso a nós, filósofos!...(NIETZSCHE, 2009, p. 8).

Nietzsche inicia sua crítica ao utilitarismo da ciência, do conhecimento. Faz, no trecho lido acima, uma crítica aos operários da filosofia, pois “[...] ao buscar atingir a ‘verdade’ a qualquer preço, os filósofos empenham-se em dissipar todas as perspectivas consolidadas. Mas, ao fazê-lo, também eles se tornam ‘asnos’, pois colocam-se a serviço de uma convicção e diante dela se detêm” (MARTON, 2011, p. 275, aspas da autora). A crítica nietzschiana aos filósofos que até agora – o tempo aqui, tomado como sua experiência de vida – se inclinaram a verdade e tentaram fazer de sua perspectiva a perspectiva: total, globalizadora. O termo operário como sinônimo de reprodução em detrimento ao filósofo como artista que elabora, afirma, cria suas interpretações. Assim, já podemos apontar um primeiro conceito da filosofia de Nietzsche. A saber, a interpretação.

Interpretar, para ele, é uma criação. Uma elaboração a partir de um ângulo. Não existe a interpretação verdadeira, universal, única. Existem múltiplas interpretações, no âmbito da provisoriedade não apenas do tempo, mas do próprio interprete. Quando falo de interprete, não falamos de um sujeito a priori que descobre as coisas, que vai até o objeto para decifrá-lo, interpretá-lo e que permanece sempre o mesmo, essencializado. Usamos o termo interprete para pensarmos ascese. Com isso o interprete a partir de suas experiências, suas vivências, seu tempo e, como Nietzsche sugere, no exercício ruminativo, ele vai interpretando, criando, constituindo

o que denominamos de perspectiva. Novamente, a perspectiva, para o filósofo da Sils Maria⁷⁵ é múltipla e está imbricada com o tempo do qual ela emerge.

Nas palavras do filósofo, “[...] a física é apenas uma interpretação e disposição do mundo (nisso nos acompanhando, permitam lembrar!) e não uma explicação do mundo [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 19). Consoante com o filósofo, acreditamos que a matemática também seja uma interpretação do mundo. Uma lente com a qual, enxergamos e tentamos “explicar” o mundo. Observa-se que a perspectiva vai pautando-se nas vivências, nas experiências que impulsionam nosso modo de pensar, de se relacionar com e no mundo.

Retomando o prólogo do livro em questão, temos que:

Por um escrúpulo que me é peculiar, e que confesso a contragosto – diz respeito à moral, a tudo o que até agora foi celebrado na terra como moral -, escrúpulo que surgiu tão cedo em minha vida, tão insolicitado, tão incontido, tão em contradição com ambiente, idade, exemplo, precedência, que eu quase poderia denominá-lo meu “a priori” (NIETZSCHE, 2009, p. 8).

Cabe destacar que Nietzsche cresceu em uma família religiosa. Seu pai era pastor. Desde pequeno, sofre com dores de cabeça e nos olhos. A relação saúde-doença que aparece em seus escritos o segue pela vida toda, como experiência. Em 1864, ele matricula-se na Universidade de Bonn como estudante de teologia. Em 1865, desentende-se com sua mãe e resolve transferir-se para Leipzig e estudar filologia⁷⁶ clássica. Após seguir com os estudos de filologia, acaba aproximando-se da filosofia. Ao que tudo indica, nos parece que essa crítica aos preceitos morais amadurece à medida que Nietzsche vive e abandona a teologia – ou antes, com a morte do pai aos cinco anos (1849), quando seguia uma religião, mas o quanto os estudos filológicos lhe dão condições para iniciar seu projeto da *Genealogia da Moral*: a saber, problematizar a origem dos preconceitos morais.

⁷⁵ Nietzsche é conhecido como o filósofo de Sils Maria, uma montanha onde se situava uma casa em que o filósofo viveu durante sete verões (1881 e 1883-1888), na Engadina, na Suécia. Hoje a casa é o maior museu do filósofo do mundo com seus livros escritos em diversas línguas assim como um vasto material bibliográfico. O local também é um hotel que preserva algumas características da época do filósofo. O curioso é pensarmos que durante esses verões, em Sils Maria, Nietzsche produz obras como Assim falava Zaratustra (1883-1885), Humano, demasiado humano (1886), genealogia da Moral (1887) e os últimos livros O crepúsculo dos ídolos, Ecce Homo e O anticristo (ambos em 1888).

⁷⁶ Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos. Estudo de uma língua.

Seguindo o prólogo, “tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão de onde se originam verdadeiramente nosso bem e nosso mal” (NIETZSCHE, 2009, p. 8). Vemos o suspeitar proposto pelo filósofo. Desconfiar dos pesos que denominamos de bem e mal. Aqui, faremos um recorte para pensar a moral nos escritos de Nietzsche. No livro *Além do Bem e do Mal* (escrito antes de *Genealogia da Moral*), Nietzsche vai constituindo seus entendimentos acerca da moral.

Durante a era mais longa da história humana – a chamada pré-história – o valor de uma ação era deduzido de suas consequências: não se considerava a ação em si nem a sua origem, [...] a força retroativa do sucesso ou do fracasso que levava os homens a pensar bem ou mal de uma ação. Chamaremos esse período de período pré-moral da humanidade: o imperativo ‘conhece-te a ti mesmo!’ ainda não era conhecido (NIETZSCHE, 2005, p. 36).

Inicialmente, os valores eram pautados pelas experiências, pelo vivido. A ação só teria um valor nela e não fora dela. Não exista, então, um a priori que já valorasse de antemão. É interessante pensarmos que o dado, a verdade são os pesos das nossas valorações. O livro *Genealogia da Moral* é interpretado por nós como um exercício analítico de suspeitar dos nossos pesos, por quais coisas nos debruçamos e por quais outras, esquecemos – se assim puder ser dito - em prol de nossas avaliações⁷⁷. Seguindo com o autor,

Nos últimos dez milênios, contudo, em largas regiões da Terra chegou-se gradualmente ao ponto em que é a origem da ação, e não mais as consequências, que determina o seu valor: um grande acontecimento em seu todo, um considerável refinamento do olhar e da medida, a repercussão inconsciente do predomínio de valores aristocráticos e da crença na ‘origem’, a marca de um período que se pode denominar moral no senso estrito: com isso fez-se a primeira tentativa de autoconhecimento. Em vez das consequências, a origem: que inversão da perspectiva! (NIETZSCHE, 2005, p. 36).

Nietzsche suspeita do que fizemos com os nossos valores. À medida que constituímos o conhecimento, a tomada da ação e não mais a pós-ação passa a ser

⁷⁷ O filósofo alemão entende os valores como os modos pelos quais avaliamos e/ou somos avaliados. Para ele, o valor tem um duplo critério: avaliar ou ser avaliado (AZEREDO, 2003).

interpretada como condição para valorar. Percebe-se que como homens do conhecimento, deixamos de experimentar as situações em prol dos valores a priori a nós mesmos e que ao serem escolhidos, independente de suas consequências, de suas vivências, já nos colocam em patamares valorativos. Essa perspectiva que apaga as vivências em prol dos valores é denominada por Nietzsche como a grande doença humana: a moral.

E sem dúvida uma inversão alcançada após longos combates e hesitações! É verdade que com isso uma nova e fatal superstição, uma singular estreiteza de interpretação tornou-se dominante: a origem de uma ação foi interpretada, no sentido mais determinado, como origem a partir de uma intenção; concordou-se em acreditar que o valor de uma ação reside no valor de sua intenção (NIETZSCHE, 2005, p. 36-37).

O valor de uma ação está em sua intenção e menos em suas consequências. Dessa forma, Nietzsche vai denunciando que vamos nos distanciando das experiências, das relações com e no corpo, pois é a intenção, aquilo que está no consciente, na alma, no pensamento que faz com que nossas atitudes – estamos cada vez mais distantes de tomarmos atitudes, pois segundo Nietzsche, seguimos o rebanho – sejam pautadas pela moral que está pronta, organizada e ditando formas pelas quais devemos experimentar, viver, olhar o mundo. Usando as palavras do filósofo, vivemos uma perspectiva do distanciamento, pois estamos distantes de nós mesmos em prol de algo idealizado.

A intenção como origem e pré-história de uma ação: sob a ótica desse preconceito é que, quase até os dias de hoje, sempre se louvou, condenou, julgou e também se filosofou moralmente. – Mas não teríamos alcançado a necessidade de novamente nos decidirmos quanto a uma inversão e um deslocamento básico de valores, graças a um novo autoescrutínio e aprofundamento do homem, - não estaríamos no limiar de um período que, negativamente, de imediato se poderia designar como extramoral: agora, quando pelo menos entre nós, imoralistas, corre a suspeita de que o valor decisivo de uma ação está justamente naquilo que nela é *intencional*, e que toda a sua intencionalidade, tudo o que dela pode ser visto, sabido, 'tornado consciente', pertence ainda à superfície, à sua pele – que, como toda pele, revela algo, mas sobretudo *esconde*? (NIETZSCHE, 2005, p. 37).

Assim, Nietzsche vai denunciando que a intenção de uma ação toma o lugar de valor da experiência. Lógico que experiência não deve ser tomada unicamente

como algo prático em detrimento do teórico, pois no pensamento pós-estruturalista ao qual emerge com a filosofia de Nietzsche, temos que o dualismo teoria/prática de desfaz no entendimento de que tanto teoria quanto prática são modos de viver, de experimentar. O que talvez o filósofo esteja alertando é para um caráter longitudinal com que nos afastamos daquilo que fazemos. Mais do que isso, do caráter com que nos desvinculamos de nossas vivências em prol da intenção. Com isso, se a intenção for boa, o que fizermos terá o valor de bom, pois a origem dessa valoração reside na intenção. No entanto, a potência do vivido, do experienciado explode a intenção no que há de mais potente no viver em rebanho: a intencionalidade⁷⁸.

“[...] Em suma, acreditamos que a intenção é apenas sinal e sintoma que exige primeiro uma interpretação [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 37). A intenção com a qual realizamos nossas ações já passou por um processo avaliativo, interpretativo. O que Nietzsche denuncia, e nos convida a suspeitar – são essas intenções que nos arrastam como uma correnteza para um lugar coletivo. Mais do que isso, que o lugar coletivo está no além do que vivemos: no ideal platônico. “[...] e além disso um sinal que, por significar coisas demais, nada significa, - que a moral, na acepção que até agora teve, isto é, moral das intenções, foi um preconceito, uma precipitação, algo provisório [...]” (NIETZSCHE, 2005, P. 37). O que move o homem do conhecimento – conhecer como pré-conhecer e/ou reconhecer -: a intencionalidade das ações como algo valorado de forma superior em relação à própria ação. Com isso, podemos inclusive dizer que a não ação se escolhida por conta da intenção será mais bem valorada do que a ação na moral denunciada por Nietzsche. Jogamos nossos valores, experiências para longe de nós: para um lugar que está além e aquém do corpo: a alma como o não lugar perfeito do valor coletivo.

Para o filósofo, a moral, tratada pelos filósofos a partir de Sócrates, diz respeito a um exercício duplo: de um lado, uma moral como algo que valeria em si. Supostamente ela seria seu próprio valor. Na contra partida, a moral seria aquilo que supostamente valoraria a todos, servido ao coletivo. Em outras palavras, moral ora valoraria a si, ora seria critério para valoração. Nietzsche faz, então, uma distinção na própria moral. “Moral, entenda-se, como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno ‘vida’” (NIETZSCHE, 2005, p. 24). Assim, o filósofo

⁷⁸ Nietzsche denomina de animal de rebanho, o coletivo que segue a moral no percurso que nega o corpo. (NIETZSCHE, 2005, 2009), pois “ser humano é antes de tudo ser moral” (SOUZA, 2009).

vai se perguntar “de onde se originam verdadeiramente nosso bem e nosso mal”? (NIETZSCHE, 2009, p. 8). Seguindo as suas indagações, ele se pergunta “sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? e que valor eles têm?”. Esses valores são “indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida?” sob os quais ele vai indicar como a moral do escravo “ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?” ao qual ele vai associar – mesmo que inicialmente - a moral do nobre. É interessante destacar que Nietzsche problematiza que tipo de homem se constitui pela moral do escravo e pela moral do senhor.

De uma forma simplificada, a moral do senhor é uma forma de moral que cria, a partir das experiências, aquilo que é bom do que é ruim. Ruim, então, como aquele nobre que não é capaz de comandar, de ser forte, de se impor (AZEREDO, 2003). De uma forma supostamente inversa, a moral do escravo é vista como a moral fraca. Uma vez que o escravo não consegue lutar, medir forças como o senhor, pois se sente fraco perante o forte, ele une-se – formando o rebanho – e valora as atitudes do senhor como más e as suas como boas. Neste caso, a moral do escravo elabora o bem e o mal, uma vez que faz o bem quem se une coletivamente, e, faz o mal, aquele que pretende dominar. Nietzsche prossegue em seus estudos, apontando que a principal doença do coletivo reside na moral da compaixão. Nesse exercício altruísta em que a moral do escravo te engloba supostamente na tentativa de te fazer forte, o que é o oposto do que Nietzsche pensa, pois essa moral da compaixão te joga para a doença, te faz renunciar a vida. Nas palavras do filósofo, é a doença da modernidade⁷⁹. “Precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta contra a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão” (NIETZSCHE, 2005, p. 11).

Anuncia-se, assim, uma necessidade “de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão” (NIETZSCHE, 2005, p. 11). Ao fazer essa crítica, Nietzsche aponta uma transvaloração⁸⁰ dos valores. Uma

⁷⁹ “eu sou um adversário do amolecimento moderno dos sentimentos” (NIETZSCHE, 2009, p. 11).

⁸⁰ Tradução de *Umwertung aller Werte*. Sobre a tradução, encontramos, pelo menos, três traduções para o português. Paulo Cesar de Souza, no livro *O anticristo* (NIETZSCHE, 2016b, p. 18) usa o termo tresvaloração de todos os valores. No mesmo livro de tradução de David Jardim Júnior (NIETZSCHE, 2016a, p. 24), o tradutor usa a expressão transposição de todos os valores. Mas, optamos pela tradução feita por autores como Scarlett Marton (2001, 2010,) e Fernando de Moraes Barros (2002): transvaloração de todos os valores.

vez que “tomava-se o valor desses ‘valores’ como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento” (NIETZSCHE 2009, p. 12, aspas do autor), aceitando, inclusive, a atribuição ao valor bom como “valor mais elevado que ao ‘mau’, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem”. Assim, o instinto de rebanho não questionou o lugar do bem e do mal. Cabe a transvaloração de Nietzsche, inverter essa lógica para pensar “e se no ‘bom’ houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico”. Percorrer essa trilha da moralina tentando transvalorar o dado, o que o homem aprendeu a seguir faz parte desse projeto de filosofia com o qual Nietzsche se propõe na *Genealogia da Moral*. Por fim, passamos a discorrer em torno de duas perspectivas de Nietzsche, A saber, força e vontade de potência como um mote, um levar-se para longe do conhecimento no percurso de tornar-se o que se é. Em outras palavras, a ascese com Nietzsche parte de uma transvaloração dos valores proporcionada não apenas pela busca do valor dos valores, mas o quanto as forças e a vontade de potência dão condições para transvalorar.

FORÇA E VONTADE DE POTÊNCIA

Um dos conceitos importantes para o filósofo é o querer. Supostamente, através da linguagem – de sua arbitrariedade – constituímos – supostamente – um conceito abrangente que denominasse o que é o querer, pois “[...] os filósofos costumam falar da vontade como se ela fosse a coisa mais conhecida do mundo [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 22). Porém, para o filósofo,

Querer me parece, antes de tudo, algo complicado, algo que somente como palavra constitui uma unidade - e precisamente nesta palavra se esconde o preconceito popular que subjulgou a cautela sempre inadequada dos filósofos. Ao menos uma vez sejamos cautelosos, então; sejamos ‘afilosóficos’ [não sejamos operários da filosofia] – digamos que em todo querer existe, primeiro, uma pluralidade de sensações, a saber, a sensação do estado que se deixa, a sensação do estado para o qual se vai [...] (NIETZSCHE, 2005, p. 22).

Assim, iniciamos outros dois conceitos importantes na filosofia de Nietzsche. O conceito de força e de vontade de potência. Para fins de escrita, vamos iniciar pelo conceito de força. Essa sensação do estado que se deixa, para o estado que se vai é o movimento, a luta das forças por afirmarem-se. Para o filósofo, as forças estão sempre em combate, sempre em luta tentando apoderar-se umas das outras. “A força é aquilo que se apropria dos fenômenos e lhes confere sentido, se configura propriamente enquanto dominação de uma quantidade de realidade [...]” (AZEREDO 2003, p. 47).

Quando tomamos força com Nietzsche, não podemos pensar que ela seja qualquer tipo de “força física, dinâmica ou psíquica” (KSA, p. 300, apud, PASCHOAL, 2009, p. 47). Nem mesmo “alguma forma constante de energia, algo que em última instância se daria no ‘espaço’ e poderia ser medido”. Uma força só é enquanto ação. Enquanto um ATUAR. Da mesma forma, o filósofo vai pensar a ideia de *quantum* não como quantidade de matéria ou qualquer correspondência com o ser⁸¹, “mas algo que pode ser designado como quantidade de ação, proporções de querer, força em ação” (KSA, p. 300, apud, PASCHOAL, 2009, p. 47). O querer para o filósofo não faz filiação com os operários da filosofia, mas sim como a luta entre forças, o atuar das forças, um *quantum* enquanto quantidade de ação.

Portanto, assim como sentir, aliás muitos tipos de sentir, deve ser tido como ingredientes do querer, do mesmo modo, e em segundo lugar, também o pensar: em todo ato da vontade há um pensamento que comanda [comandar como natureza das forças]; - e não se creia que é possível separar tal pensamento do ‘querer’, como se então ainda restasse vontade! [...] a vontade não é apenas um complexo de sentir e pensar, mas sobretudo um afeto: aquele afeto do comando [novamente, o comandar das forças] (NIETZSCHE, 2005, p. 22).

E tal afeto de comando não pode ser separado de um estado outro denominado de querer. Afeto, querer comandam e obedecer a forças, atravessam e

⁸¹ Como se existisse uma relação causal, pois, para o filósofo, “deve-se utilizar a ‘causa’, o ‘efeito’, somente como puros conceitos, isto é, como ficções convencionais para fins de designação, de entendimento, não de explicação. No ‘em si’ não existem ‘laços causais’, ‘necessidade’, ‘não liberdade psicológica’, ali não segue ‘o efeito à causa’, não rege nenhuma ‘lei’. Somos nós apenas que criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e ao introduzir e entremesclar nas coisas esse mundo de signos, como algo ‘em si’, agimos como sempre fizemos, ou seja, mitologicamente” (NIETZSCHE, 2005, p. 25-26, aspas do autor). No mesmo trecho, o filósofo escreve que “a causa em si mesmo é a maior autocontradição até agora imaginada, uma espécie de violentação e desnatureza lógica: mas o extravagante orgulho do homem conseguiu se enredar, de maneira profunda e terrível, precisamente nesse absurdo” (Ibidem, p. 25).

constituem o corpo que para nós, é a materialidade – nada te a ver com o ser e uma essência – das forças, da vontade, do querer, dos afetos. A pluralidade de sensações do querer, escrita por Nietzsche, é constituída – se pudermos assim dizer – pelas forças.

Supondo que nada seja ‘dado’ como real, exceto nosso mundo de desejos e paixões, e que não possamos descer ou subir a nenhuma outra ‘realidade’, exceto à realidade de nossos impulsos – pois pensar é apenas a relação desses impulsos entre si -: não é lícito fazer a tentativa e colocar a questão de se isso que é dado não bastaria para compreender, a partir do que lhe é igual, também o chamado mundo mecânico (ou ‘material’)? Quero dizer, não como uma ilusão, uma ‘aparência’, uma ‘representação’ [...], mas como da mesma ordem de realidade que têm nossos afetos, - como uma forma mais primitiva do mundo dos afetos, na qual ainda esteja encerrado em poderosa unidade tudo o que então se ramifica e se configura no processo orgânico (e também se atenua e se debilita, como é razoável), como uma espécie de vida instintiva, em que todas as funções orgânicas, como autorregulação, assimilação, nutrição, eliminação, metabolismo, se acham sinteticamente ligadas umas às outras – como uma *forma prévia* da vida? [...] (NIETZSCHE, 2005, p. 39-40)

Precisamos nos demorar no trecho acima. Como um dos primeiros destaques, observa-se que a realidade – ou isso que chamamos de realidade – se interpreta justamente onde se dão os afetos: no corpo. A vida como impulso, como instinto é da ordem corporal. Nietzsche não diferencia as funções orgânicas das inorgânicas valorando uma como superior em relação às demais. Pelo contrário, ele coloca todas como condição para pensarmos o corpo. Força é um atuar. Quantum como quantidade de ação. Pois bem, essa ação se faz – e aqui nada temos de material – no corpo. Por isso, os instintos mais potentes, selvagens, que dão condições para nossa realidade, esses se dão no e pelo corpo. Corpo como encontro, embate, batalha por mais – insistentemente mais – luta⁸². Corpo como empoderamento: o empoderar-se das forças que cada força tem. A força só atua no instante de querer mais poder. A todo instante – percebendo ou não – nosso corpo trava inúmeras batalhas conduzidas por forças mais potentes, pela busca de mais energia, mais força. O agir da força – no corpo - como vontade de potência.

⁸² Forças lutam para dominar. Segundo Nietzsche, o que a força quer é agir. Não vemos a força, mas seu constante agir. Aliás, forças, sempre no plural, em relação. Não há uma guerra entre forças por extermínio, há apenas batalha por um dominar ou ser dominada.

“[...] a questão é, afinal, se reconhecemos à vontade realmente como atuante, se acreditamos na causalidade da vontade: assim ocorrendo – e no fundo a crença nisso é justamente a nossa crença na causalidade mesma -, temos então que fazer a tentativa de hipoteticamente ver a causalidade da vontade como única. ‘Vontade’, é claro, só pode atuar sobre vontade - e não sobre ‘matéria’ (sobre ‘nervos’, por exemplo -): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem ‘efeitos’, vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade (NIETZSCHE, 2005, p. 40).

A força como um atuar. O atuar da força impulsionado pela vontade. A vontade; a causalidade da vontade da força é atuar. Para Nietzsche, o mundo – como ele o vê - é vontade de potência (VATTIMO, 2010, p. 6-7). Por mais que vejamos “efeitos⁸³”, o movimento do corpo parte da vontade atuando sobre vontade. Mais do que isso, a moral, criticada pelo filósofo, parte do disciplinamento, do controle, da interiorização⁸⁴ da vontade. Dos instintos mais potentes, passa-se a controlá-los, enjaulá-los no que o filósofo vai denominar de alma. Para Nietzsche, o ideário platônico e cristão constrói a alma como um cárcere da vontade. É uma maneira de prendê-la no exercício de mascará-la. Conhecer como forma de enjaular na alma, nossas vontades mais potentes, nossas forças, os instintos.

Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de potência⁸⁵, como é *minha tese* -; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de potência, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição – é um só problema -, então se obteria o direito de definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de potência. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’ e nada mais (NIETZSCHE, 2005, p. 40).

A vida pra Nietzsche é um pulsar instintivo. A forma como ele encara o mundo, é através da vontade de potência, processo a partir das forças. No imbricar das forças

⁸³ Na teoria das forças de Nietzsche, não podemos indicar as forças atuando, uma vez que é próprio da força atuar, lutar. O que pode ser percebido é o efeito da luta entre forças. Lembrando que forças não se relacionam sozinhas, pois estão em constante combate entre as que dominam e as que querem dominar. Força não é repouso. Força implica plasticidade, movimento, multiplicidade.

⁸⁴ Essa interiorização da vontade, dos instintos que Nietzsche vai denominar de alma. Alma como aprisionamento do que há de mais potente no homem: sua animalidade. O produto da moral – a humanidade – como o apagamento, o sufocamento de nossos instintos, nossa vontade de potência. (cf. Nietzsche, 2005, 2009).

⁸⁵ O tradutor optou pela expressão vontade de poder. No entanto, seguindo uma ascense a partir da filosofia de Nietzsche em que o interpretar é criativo, escolhemos o termo vontade de potência para dar conta do efeito das forças enquanto constante atuar.

há apenas vontade. Vontade de dominação. Enquanto estivermos presos aos limiares do conhecimento, estaremos presos naquilo que Nietzsche chama de decadência. O homem fraco, doente, seguidor do rebanho que não conhece a si mesmo.

PARA ENCERRAR

Ascese em Nietzsche, a partir do que expomos acima, é estar consigo mesmo. Estar consigo pressupõe abrir as jaulas da moral para que os instintos, as forças, as nossas vontades saiam e possam comandar – conforme sua natureza exige. Ascese em Nietzsche, a partir de sua filosofia, contém “[...] laços e redes para pássaros incautos, e quase um incitamento, constante e nem sempre notado, à inversão das valorações habituais e dos hábitos valorizados [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 7). Essa inversão dos valores, a transvaloração, a partir da suspeita, pois “[...] dizem que um leitor emerge de meus livros, não sem alguma reticência e até desconfiança, frente à moral, e mesmo um tanto disposto e encorajado a fazer-se defensor das piores coisas: e se elas forem apenas as mais bem caluniadas? [...]”. Seus livros e sua filosofia como “uma escola da suspeita”, pois “de fato, eu mesmo não acredito que alguém, alguma vez, tenha olhado para o mundo com mais profunda suspeita [...]”.

“[...] para me recuperar de mim, como para esquecer-me temporariamente, procurei abrigo em algum lugar – em alguma adoração, alguma inimizade, leviandade, cientificidade ou estupidez; e também por que, onde não encontrei o que *precisava*, tive que obtê-la à força de artifício, de falsificá-lo e criá-lo poeticamente para mim (- que outra coisa fizeram sempre os poetas? Para que serve toda a arte que há no mundo?) (NIETZSCHE, 2005, p. 7).

Tornar-se o que se é, como diz o subtítulo da obra bibliográfica escrita pelo próprio filósofo. Fazer da arte potência para criar, produzir caminhos outros que transvalorem o dado, o conhecimento. Por mais que possamos nos abraçar – mesmo que por instantes – no dado, chega a hora do sol a pino em que não existe sombra. Em que estaremos apenas com nós mesmos e precisaremos, enfim, dançar. Quantos de nós consegue não apenas ouvir, ter ouvidos – ou seria estômago? – para dançar

nossas vivências? Ascese em Nietzsche, talvez, seja isso: dançar consigo mesmo, dançar com a vida!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Vânia Dutra. **Nietzsche e a dissolução da moral**. 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003 (Sendas e Veredas).

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias**. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche. 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Unijuí, 2001.

_____. **Nietzsche, filósofo da suspeita**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.

_____. Nietzsche, reflexão filosófica e vivência. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Tiago (orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 273-282.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Ecce homo**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, GM.

_____. **O anticristo**. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

_____. **O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Trad. Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2016b.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a auto-superação da moral**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

VATTIMO, Gianni. **Diálogos com Nietzsche: ensaios de 1961-2000**. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.